UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

RELFISON NARCISO DOS SANTOS

MUDANÇAS E CONSEQUÊNCIAS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS MORADORES DA ALDEIA KUNANÃ

OIAPOQUE-AP
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

RELFISON NARCISO DOS SANTOS

MUDANÇAS E CONSEQUENCIAS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS MORADORES DA ALDEIA KUNANÃ

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito obrigatório do Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP, Campus Norte-Oiapoque.

Orientadora: Prof.ª. Me. Janielle da Silva Melo da Cunha
Co-orientador: Prof.°. Me. Fábio Rodrigues Trindade

OIAPOQUE-AP
2016

RELFISON NARCISO DOS SANTOS

MUDANÇAS E CONSEQUENCIAS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS MORADORES DA ALDEIA KUNANÃ

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal do Amapá, com habilitação na área de Ciências Exatas e da Natureza.

Oiapoque-AP, 03 de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Me. Janielle da Silva Melo da Cunha
Universidade Federal do Amapá
Orientadora

Professor Me. Fabio Rodrigues Trindade
Universidade Federal do Amapá
Co- orientador

Professora Esp. Myriam Regina Zapaterra Mendes
Universidade Federal do Amapá
Membro

MUDANÇAS E CONSEQUENCIAS NOS HÁBITOS ALIMENTARES DOS MORADORES DA ALDEIA KUNANÃ

Relfison Narciso dos Santos[1]

Resumo – Neste artigo são descritos os resultados de uma pesquisa desenvolvida com os moradores indígenas da aldeia Kunanã, localizada no município de Oiapoque. Tem como objetivo identificar e mostrar as consequências da nova forma de se alimentar dessa população pelo fato que nos últimos anos foi observado que os mesmos têm apresentado mudanças significantes em seus hábitos alimentares e culturais, com o alto índice de consumo de produtos industrializados. Tais comportamentos alimentares vêm causando a má alimentação e consequentemente comprometendo a saúde dos indígenas da aldeia. Como metodologia foi realizada entrevistas com os moradores da aldeia para coleta de informações sobre os hábitos alimentares de antigamente e de hoje com perguntas. Os indígenas entrevistados tinham idade igual ou superior a 19 anos. Também foi feita a observação e registros fotográficos dos produtos industrializados consumidos pelos moradores. Como resultado da pesquisa, verificamos que o consumo diário dos alimentos industrializados, vem prejudicando a saúde em decorrência de uma alimentação inadequada com a ingestão exagerada de gorduras, açúcares e sal e o aparecimento de algumas doenças na fase adulta que antes não tinha entre os indígenas como diabetes, hipertensão arterial, obesidade e outras. A partir das análises dos dados nos permitiu promover situações de ensino através de palestras na comunidade e organizar uma proposta de orientação a essa população.

Palavras-chave: Indígenas, Alimentação, Saúde, Produtos Industrializados.

Txikoze / Hasãble – Lãdã sa artigo ekhi un bagaj ki mo dekhuvui ke edje ki ka hete la kumunite dji Kunanã, localize la munisip dji Oiapok. Gãie kumã pu hukonet i mõthe un bagaj ki hive kã ie xãje un nov fom dji mãje lãdã sa populasiõ-la pu tut sa ki hive lãdã deãie ane ki pase-iela ie te ka ue ki mem li te ka phuezãte mudjifikasiõ lãdã ie zes dji mãje i dji ie mias ke ghã kãtxite bagaj ki ie te ka ize ki ka vini dji fabhuik. Kumã alimetasiõ maje ki pa bõ ki fe djimal pu lasãte dji ie mem edje lãdã ie kote. Kumã mo fe pus ave? Mo save dumãde kote mum ki ka hete lãdã kote-la, pu hasãble ifohmasiõ suje metxe dji mãje dji lõtã i dji jodla mo dumade. Sa edje kote mo dumãde, ie te gãie mem laj djis nef ane. Mo mem osi te ka gade i mo te ka ekhi i txihe pothe dji tut bagaj ki a te dji fabhuik ki ie te ka axte pu ize .Ke as lãdã finisiõ mo ue ki tuleju ie te ka fe djimal pui e lasãte , passe a pa un bõ alimetasiõ pu ie, passe li gãie boku ghes,suk i djisel, ke as li kumase pahet maladji lãdã ie ghãdo ki avã pa te gãie ãt edje-iela Kumã djiabetxi, pressão hot i gha pase deghe uot. Aphue dji tut sa li bai mo lokaziõ pu viatxi as situasiõ la, lãdã un hasabhe ke kumunite-la pu pale suje sa , i haje un lide pui e hukonet ie populasiõ.

Pahol lakle: Edje, alimetasiõ, lasãte, bagaj dji fabhuik.

---

[1] Indígena da etnia Karipuna, concluinte do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, Campus-Norte-Oiapoque. Atua como, professor da rede pública do Estado do Amapá, na Escola Indígena Estadual Gabriel dos Anjos, localizada na Aldeia Kunanã, na Terra Indígena Juminã, no Município de Oiapoque, Estado do Amapá.

Sumário

I - INTRODUÇÃO 3

II – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 5

III – METODOLOGIA 7

O tipo da pesquisa 7

O local da pesquisa 7

Período de estudo 10

Os sujeitos pesquisados 10

A coleta de dados 10

O material de coleta 10

IV – RESULTADOS 11

V - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS 14

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS 16

VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 17

APÊNDICE 18

I - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa relata as mudanças e consequências nos hábitos alimentares dos moradores da aldeia Kunanã.

Quando acadêmico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), durante os anos de estudo tivemos a oportunidade de estudar sobre alguns temas e disciplinas entre elas como "Qualidade de vida"; "Saúde e qualidade de vida" relacionada às maneiras de vida e à saúde dos povos indígenas e o longo contato com os nãos indígenas, no entanto transformando seus costumes e hábitos, principalmente em relação à saúde e alimentação destes povos. Em primeiro instante observando essas modificações que vem ocorrendo nas comunidades indígenas e adquirindo algumas informações pensei em realizar essa pesquisa.

Com essas aulas despertou o meu interesse de pesquisar sobre as mudanças e consequencias nos hábitos alimentares dos moradores da aldeia Kunanã. Pois a aldeia é pequena em relação às demais da região mais está vulnerável a ter seus hábitos alimentares completamente demudados pelo fato de estar um pouco próxima e constante contato das duas cidades da região a cidade de Oiapoque (lado brasileiro) e a cidade de Saint Georges (lado francês) que ficam aproximadamente 40KM da aldeia ou uma hora e meia de viagem utilizando-se voadeira e a motor de polpa 25hp ou menos tempo utilizando motor maior.

O objetivo desta pesquisa foi identificar e mostrar as consequências da nova forma de se alimentar dessa população pelo fato que nos últimos anos foi observado que os mesmos têm apresentado mudanças significantes em seus hábitos alimentares e culturais, com o alto índice de consumo de produtos industrializados.

Entretanto, a 35 anos atrás a comida mais frequente na mesa dos indígenas dessa comunidade era mas natural a caça do mato (cutia, paca, tatu, macaco, guariba, veado, porco do mato e outros) e o peixe do lago (jijú, traira, aparai, tucunaré, piranha, cará, tamatá e outros) e pássaros (pato, tucano, papagaio, mergulhão, soco, maguari e outros) e alguns reptéis (tracajá e jacaré). Pois para esses indígenas comida enlatada, congelada e outras era muito difícil comprar, porque viajar para o Oiapoque era quase impossível, não tinham transporte adequado eles só iam em casos de emergência, pois precisavam ir a remo até a cidade a viagem durava 2 dias aproximadamente.

Naquele tempo a Ilha Rica localizado próximo a aldeia kunanã que fica duas a três horas de distância viajando de canoa e (takari) uma vara de madeira que serve para empurrar a canoa isso no inverno pois a água esta grande no verão demorar mais pois a água esta baixa, onde é de terra firme e tem um lago era o lugar mais visitado pelos indígenas para caçar e pescar um local de reproducão e desova que abrigava todo tipo de espécies de animais. A aldeia mudou bastante hoje em dia tem escola, posto de saúde, motor de energia, abastecimento de água, transporte como lancha "voadeira" e motor de polpa, antena de celular e um mini comércio.

Um dos fatores que merece destaque é que muitos moradores são aposentados, pensionista, funcionários públicos, recebem bolsa família ou algum tipo de auxilio do Governo Estadual ou Federal. Com essas facilidades os hábitos alimentares foram se modificando e o uso de produtos industrializados com alto valor calórico foi crescendo nos últimos anos com maior frequencia.

Atualmente é comum vermos no dia a dia da alimentação dos moradores da aldeia Kunanã o consumo de charque, calabresa, mortadela, sardinha, conserva, feijoada, refrigerante, massas, biscoitos e principalmente frango congelado e, o consumo excessivo desses tipos de alimentos tem seus efeitos negativos à saúde. E não temos hábitos de consumir muito legumes. O pouco que ainda são consumidos são o maxixe, jerimum, quiabo e o pepino, e além disso mais da maioria dos moradores da aldeia não cultivam essas plantas mais, em suas roças é comum plantarem mandioca, macaxeira, daxina, abacaxi, banana e pimenta.

Neste contexto o consumo de alimentos naturais sem algum tipo de conservantes se torna cada vez menor. Com isso, construindo um novo hábito alimentar e aumentando o caso de pessoas com problemas de obesidade e isso vem causando sérios prejuízos para saúde da população da aldeia, como por exemplo: doenças cardiovasculares, gastrite, problemas de pressão arterial, diabetes, colesterol alto, câncer que antes era muito raro esse diagnóstico entre os indígenas e já temos casos.

Esses foram os motivos que levaram a necessidade e importância dessa pesquisa, não só para a comunidade em que moramos, mas também para as demais comunidades. Percebemos que o resultado desta pesquisa poderá nos alertar sobre os riscos que podemos enfrentar ao consumo exagerado de alimentos industrializados e principalmente produzir dados que poderão servir de

embasamento aos órgãos responsáveis por políticas de saúde indígena para realizarem ações preventivas ou palestras com profissionais que possam orientar e ajudar as populações indígenas.

II – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo Haquim (2008), estima-se que os povos indígenas representem 0,4% da população brasileira atual, totalizando aproximadamente 734 mil indígenas distribuídos por todo território nacional. São 230 povos, falantes de mais de 180 línguas diferentes, espalhados por milhares de aldeias localizadas no interior de 611 terras indígenas, cada qual com sua historia, língua, cultura e hábitos de vida diferenciados. Dentre seus costumes, estão os hábitos alimentares e os meios de subsistência peculiares.

Assim, Frances (2000), conceitua o que vem a ser alimento como sendo "*qualquer substancia que o corpo é capaz de ingerir e assimilar e o que manterá vivo e em crescimento*". No entanto, no Brasil, os discursos científicos e institucionais sobre a saúde indígena têm alertado sobre o rápido incremento de doenças crônicas associadas ao crescente consumo de alimentos industrializados e às mudanças nos padrões de atividade física. (GARNELO, 2009).

Os comportamentos alimentares de indígenas, como os de quaisquer outras pessoas, são determinados por suas visões de mundo. Visões de mundo diversas implicam multiplicidade de tradições alimentares, que deveriam ser conhecidas para subsidiar a proposição de estratégias de saúde participativas, com vistas à integralidade e humanização da política de segurança alimentar. (GARNELO, 2009). Ainda neste sentido Garnelo descreve que:

> A transição alimentar é inerente aos processos de industrialização e de urbanização que hoje regulam o acesso aos alimentos. Tais eventos assumiram escala planetária, alcançando aqueles cujas vidas situam-se em pólos mais distantes da linha principal da globalização, como os povos indígenas. (GARNELO, 2009, p.16).

Dsei (2013), registra que o sobrepeso aumentou entre os indígenas, passando de 30,44% para 35,25% da população. A obesidade também cresceu, de 14,24% para 19,33%. Já os adultos com peso ideal caíram de 46,44% para 41,89%.

15,7% das mulheres indígenas são obesas e 30,2% delas apresentam sobrepeso. "Temos claramente uma mudança no perfil. Os índios estão engordando".

No que se refere aos fatores associados a este problema, multiplicam-se na literatura os relatos de modificações significativas nos estilos de vida nativos, o que inclui mudanças nas dietas nativas e a redução dos níveis de atividade física.

As populações indígenas passam, a partir de seu contato com não índios, por importantes transformações em seus modos de vida, as quais podem afetar suas práticas alimentares, condições de vida e de saúde.

Segundo Leite (2007 et. al), numa teia de inter-relações, o acesso aos recursos monetários eventualmente necessários à compra de alimentos ou de insumos para sua produção pode ocorrer, para algumas etnias, através do trabalho remunerado, do recebimento de benefícios sociais (aposentadorias, auxílio-maternidade, programa Bolsa-Família etc.), venda de artesanato, de produtos da agricultura, extrativismo, pesca, entre outras atividades.

Assim, o empobrecimento das dietas indígenas conseqüente a afluência de um grupo restrito de alimentos industrializados adquiridos de modo próprio ou priorizados nas ações de segurança alimentar, implica risco à diversidade sociocultural do Brasil indígena. (GARNELO, 2009).

Como ocorre em outros grupos populacionais, essa transição alimentar redunda em sobrepeso e obesidade em adolescentes e adultos, associando-se a doenças cardiocirculatórias, hipertensão e diabetes.

A preocupação se justifica na medida em que tal mudança na alimentação favorece o ganho de peso e o surgimento de doenças a ele associadas, como a hipertensão arterial e o diabetes mellitus. Indivíduos considerados obesos, por outro lado, estão mais sujeitos a desenvolver, com o passar do tempo, problemas cardíacos e doenças como o diabetes.

> Embora todas estas doenças possuam um agente patogênico especifico as suas manifestações mórbidas, a sua propagação e sua evolução dependem enormemente do estado de resistência orgânica dos grupos humanos, Isto é, do seu estado de nutrição (CASTRO, 1960, p.21).

Segundo Santos (1991), historicamente, as sociedades indígenas brasileiras passam por acelerado processo de mudanças sócio-culturais e econômicas, uma vez em contato permanente com a sociedade nacional. Tais mudanças repercutem diretamente sobre os hábitos alimentares e o estado nutricional desses grupos,

principalmente durante o processo inicial de inserção na economia de mercado regional. Em decorrência disso, atividades básicas de subsistência tendem a ser parcial ou totalmente abandonadas, levando à redução na variabilidade alimentar e maior dependência em produtos industrializados.

Pesquisam revelam ainda que toda essa mudança ocorreu devido às alterações nos hábitos alimentares, provocadas por uma oferta cada vez maior de alimentos com alto teor de gorduras, excesso de açúcar (ou alto teor de carboidratos) e sal. Outra prática muito comum, que agrava essa situação, é o consumo excessivo de carnes, na maioria das vezes gordurosas (JÚNIOR, 2012).

Segundo Abeso (2013) e Junior (2012) os maus hábitos alimentares estão associados a diversos danos à saúde, entre eles, a obesidade, cujos índices têm crescido nas últimas décadas como resultado no consumo de alimentos com alta densidade calórica e redução na atividade física e trazendo como consequências, a exposição do organismo a uma grande quantidade de aditivos químicos que são prejudiciais ao organismo, de uma maneira geral.

Assim, a prática de uma alimentação saudável, passa por uma alimentação equilibrada em termos de quantidade e qualidade, sempre adequada ao nosso momento biológico.

III – METODOLOGIA

O tipo da pesquisa

A pesquisa feita classifica-se como pesquisa descritiva por elaborar o levantamento sobre as mudanças e consequências da nova forma de se alimentar de uma determinada aldeia, com uma quantidade de 20 indígenas entrevistados, realizando observação e registros fotográficos.

O local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na aldeia Kunanã, localizada na terra indígena Juminã com seus 41.601 hectares demarcada e homologada, está, segundo Vidal (2011, p.2), situada à margem esquerda do rio Oiapoque com saída para os campos, várzeas, savanas e florestas entrecortadas por igarapés e lagos. É uma aldeia de etnia karipuna, com uma população de 82 indígenas, distribuído em 18 famílias, sendo 42 homens e 40 mulheres. No entanto, existe a mistura de outros

grupos como Galibi-Marworno e Palikur, além dos não indígenas que casaram com indígenas e residem nessa aldeia. Estes povos são falantes de três línguas, português, patuá e o criolo da Guiana francesa, tendo a predominância do português, a aldeia é rica em frutas de diversas qualidades e apresentando uma agricultura familiar onde como de costume fazem suas roças para a produção da farinha, mas, para o consumo próprio e não para comercialização.

A história indígena dos Povos do Amapá ainda está registrada de forma breve. Existe a uma riqueza histórica muito abrangente e que ainda não foi registrada quanto à construção de algumas aldeias do Amapá, entre elas a história da aldeia Kunanã, que tem vários descendentes que permanecem com a história dessa aldeia de forma muito viva em sua memória e também por meio de sua participação ativa no desenvolvimento da história dessa aldeia.

Com base nas informações de Vidal (2011) aproximadamente por volta de 1912, morava na área denominada Juminã, uma família de Karipuna, Gabriel dos anjos e sua esposa Kali, a vinda deles foi por motivado pelos conflitos entre brasileiros e franceses, que levou algumas famílias Karipuna que habitavam o rio kuripi a procurarem refúgio onde pudessem sentir-se seguros.

Em uma dessas procuras no mesmo ano, Gabriel dos anjos e sua esposa Dona kali ambos da etnia karipuna descobriram um igarapé que fica a margem do rio Oiapoque.

Esse igarapé dá acesso a um lago que as suas margens são formadas por ilhas, campos alagados, montanhas com terras firmes, matas virgens boas para o plantio, rico em caça e pesca. Logo lhe deram o nome de igarapé do Juminã, devido ter uma lenda que dizia ter uma cobra chamada Juminã. Ela zelava pela limpeza do lago e do igarapé e em 1920 chegou uma família de migrantes cubanos refugiados, onde seus descendentes permaneceram até 1940. Eram Vergílio Vidal paraense e sua esposa Caetana, índia Karipuna irmã de Gabriel. Gabriel e Kali tiveram apenas um filho José, que morreu com 30 anos de idade. Estas famílias foram as primeiras moradoras do Juminã, conhecida hoje como terra indígena Juminã (VIDAL,2011).

Foto 1: Mapa da Terra Indígena Juminã.

Fonte: Vidal (2011).

Onde dois grupos indígenas compartilham esse ambiente, Karipuna (kunanã) e Galibi Marworno (Uahá). Em 1950, com a chegada de outra família Karipuna Dário Vidal e Maria Clara, a vila passou a se chamar Kunanã por ter grande quantidade de uma planta com esse nome.

Na aldeia kunanã, dos meados da década de 80 até hoje, com o desenvolvimento social e econômico teve mudanças nos hábitos de vida e meios de conseguir alimentação que decorria da caça e da pesca, hoje passando a ingestão também de congelados, enlatados e outros. A energia contribuiu muito para isso e os meios de transportes como voadeira e motor de polpa.

Coisas que facilitaram o estilo de vida, mas, que também, vieram a aumentar a incidência das doenças e mudanças nos hábitos alimentares dessa população. Pensando nisso, quis realizar essa pesquisa que descreve várias informações e discussões em relação a esse tema tão pertinente para comunidades indígenas que estão sofrendo com a falta de educação em saúde, principalmente no que diz respeito as questões alimentares. Como indígena, professor e morador da aldeia pude observar nos últimos anos o aumento e o consumo excessivo de produtos

industrializados com alto valor calórico sem nenhuma preocupação nos agravos futuros.

Período de estudo

A pesquisa iniciou no mês de julho a agosto de 2013, na qual teve como público alvo os próprios moradores da aldeia, que apresentavam idade igual ou superior a 19 anos.

Os sujeitos pesquisados

Participaram da pesquisa 20 pessoas, sendo 12 do sexo masculino e 08 do sexo feminino, com idade entre 19 (anos) até 65 (anos). Onde todos colaboraram muito com essa pesquisa, em particular os idosos, sabendo que a aldeia é formada por poucos idosos, mais os dois que participaram das entrevistadas ajudaram bastante com suas informações mais antigas na construção desse trabalho.

A coleta de dados

Inicialmente para a coleta de dados, antes de fazer as perguntas do questionário foi comunicado aos membros da aldeia através de uma reunião sobre o trabalho de pesquisa que iríamos desenvolver com algumas pessoas da aldeia e pedi a colaboração de todos para que fosse realizado. Expliquei da importância dessa pesquisa para eles mesmos e de como seria feita e quais os dados que seriam necessários. Aproveitando aquele momento onde todos estavam ali foi escolhido os indígenas que iriam participar das entrevistadas, em seguida a maioria achou mais conveniente e a vontade fica com as fichas preencher e depois me entregar em outra oportunidade. Já os idosos que não sabiam escrever preferiram se entrevistado por mim, logo marquei o dia da entrevista, pois era período de roças onde nesses meses é difícil encontrar as pessoas em casa.

O material de coleta

Para a coleta dos dadas foi usado uma ficha de identificação com as seguintes informações nome, sexo, idade, escolaridade, é aluno, trabalha em casa, professor, liderança da aldeia ou membro da comunidade. Logo após, o questionário com oito perguntas sobre o que compreende como boa alimentação, quais os alimentos que eram consumidos antes e os de hoje, você consomem alimentos saudáveis quais, hoje nas aldeias é mais utilizado produtos da cidade ou naturais da

aldeia na alimentação, hoje a alimentação na aldeia é mais saudável que antigamente por quê, recebeu algum tipo de orientação a respeito de como se alimentar corretamente, alimentação influenciar na sua saúde. Com os idosos para gravar as entrevistas utilizei um celular LG D410 L90 DUAL, fabricado em Taubaté, São Paulo, Brasil. Na qual deixei eles ficarem bem à vontade para a conversa poder fluir e ficar agradável. Na segunda parte da minha pesquisa foi feita observação, registro fotográfico e descrição das mudanças e consequências de uma má alimentação. Esta parte da pesquisa foi feita desde o início do trabalho (2013) e as fotos foram tiradas em outubro e novembro de 2013.

IV – RESULTADOS

Participaram da pesquisa 20 pessoas da comunidade, sendo 12 do sexo masculino e 08 do sexo feminino. Os entrevistados tinham faixa etária entre 19 a 65 anos de idade, sendo 9 estudantes do ensino médio que frequentam a escola na aldeia, 03 professores indígenas, 03 lideranças indígenas, 01agente indígena de saúde (AIS), 01agente indígena de saneamento (AISAN), 02 idosos e mais 01 pessoa. Todos os entrevistados não mediram esforços em colaborar com a entrevista, pois eles queriam saber quais são os males que uma má alimentação sem orientação pode causar as pessoas.

Não esquecendo de ressaltar que o total de participantes desta pesquisa foi bastante inferior ao número de moradores da aldeia, devido esta ter uma população de grande número de crianças de 0 a 11 anos e por os membros da comunidade está em período de roças. Mas com todos esses contra tempo o objetivo da pesquisa foi alcançado.

Abaixo apresento o *gráfico 1* com o total em percentual dos sujeitos da pesquisa, dos 20 entrevistados, sendo 60% do sexo masculino e 40% do sexo feminino.

GRÁFICO 1: Total dos indígenas entrevistados.

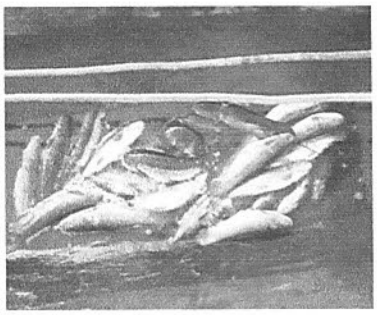
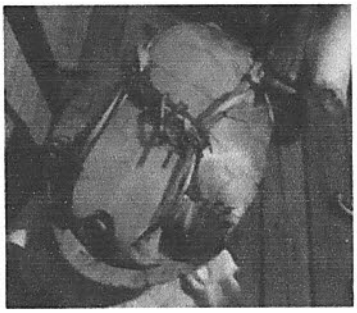
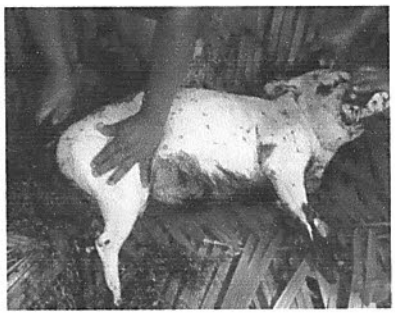
Observamos com a pesquisa que a maioria dos entrevistados da comunidade tem um bom conhecimento sobre o que é ter uma boa alimentação e os prejuízos que podem acarretar no futuro com o consumo exagerado dos produtos industrializados e pelas suas respostas vi que eles são sabedores dos riscos dessa mudança de hábito alimentar, mas não ser prevenir com o consumo desses produtos com alto valor calórico e percebe cada vez mais a entrada desses alimentos no dia a dia na aldeia, que o problema tem haver com o crescimento das duas aldeias que dividem a reserva e da proximidade das cidades, com o avanço da tecnologia moderna que facilitou o acesso a elas e também devido que entre as 18 famílias da aldeia kunanã só uma não recebe algum tipo de bolsa ou auxilio do Governo Estadual ou Federal, ou são funcionários públicos, aposentados ou pensionistas. Com isso ajudando ainda mais o uso indevido desses produtos da cidade e consequentemente tendo uma alimentação desordenada com grande risco em contrair certas doenças.

Quando perguntei aos moradores o que é uma boa alimentação, a maioria das pessoas responderam que é "comer alimentos que não prejudique a sua saúde" "se alimentar com alimentos saudável e nutritivo" "alimentar nos horários corretos e não comer exageradamente produtos da cidade" "uma alimentação natural a base de peixe, caças, legumes e frutas".

Os entrevistados relatam que os tipos de alimentos consumidos antigamente na aldeia eram basicamente através de alimentos naturais sem nenhum tipo de

química ou conservante como peixes, caças, aves, farinha, frutas e raízes. E acham que eram mais saudáveis as pessoas não tinham muito problema de saúde. Mas hoje como consumem alimentos da cidade na aldeia, causa algumas complicações em suas vidas, pois hoje todo o alimento da cidade vem acompanhado com algum tipo de química misturado.

Fotos 2 : Os tipos de alimentos consumidos antigamente.

Fonte: SANTOS, R.N. 2013 Wallace, 2007.

Atualmente na aldeia os alimentos que são consumidos com as mudanças de hábitos dos moradores essencialmente de peixe do lago, juntamente com alimentos da cidade entre eles são: frango congelado, enlatados (conserva, sardinha, feijoada, salsicha, almôndega, goiabada e outros), calabresa, mortadela, ovos, biscoito, refrigerante, arroz, feijão, sal, óleo de cozinha, charque, carne vermelha e outros.

Foto 3 : Alimentos consumidos atualmente na aldeia Kunanã.

Fonte: SANTOS, R.N. 2013.

Quando perguntei se hoje em dia é mais utilizado produtos da cidade ou naturais da aldeia para alimentação a opinião da maioria dos pesquisados foi que no momento prevalece os produtos da cidade, só 03 (três) falaram que é equilibrada utilizam os dois, tanto da cidade, quanto da aldeia. Portanto, esses alimentos vêm substituindo a maior parte da alimentação nas aldeias indígenas.

Em relação à alimentação boa parte dos entrevistados comentaram que já receberam algum tipo de orientação a respeito de como se alimentar corretamente como comer alimentos saudáveis, nos horários corretos, não utilizar muita fritura, diminuir o sal, não exagerar em alimentos com muita gordura e açúcar, comer bastante verdura e beber muito liquido. Mas é muito difícil seguir essas dicas tão importantes para nossa saúde. No qual uma boa ou uma má alimentação influenciar ativamente na saúde humana, principalmente uma alimentação desordenada, pode causar várias doenças no futuro como: obesidade, diabete melitus e hipertensão arterial e gastrite, como já temos vários casos na aldeia e em outras aldeias indígenas da região.

V - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados colhidos nas entrevistas comprovou de fato as "suspeitas" e hipóteses levantadas, que nos últimos anos foi observado às mudanças significativas dos moradores da aldeia Kunanã em seus hábitos alimentares e culturais com o alto índice de consumo de produtos industrializados. Como consequência dessa nova forma de se alimentar dessa população foi apurada com resultado da pesquisa realizada com os mesmos, que utilizam em suas alimentações atuais mais os produtos da cidade do que os da aldeia e com o consumo diário desses alimentos industrializados, vem prejudicando a saúde por uma alimentação inadequada com a ingestão exagerada de gorduras, açúcares e sal e o aparecimento de algumas doenças na fase adulta que antes não tinha entre os indígenas como diabetes, hipertensão arterial, obesidade, câncer, gastrite e outras.

Entretanto como já foi diagnosticado em outra pesquisa cientifica feita na aldeia, por um professor indígena em seu trabalho de conclusão de curso sobre índice de massa corporal (IMC), que boa parte dos membros da comunidade tem

tendência de engorda futuramente e outra parte já está acima do peso ideal obesa (NUNES, 2011).

Assim, esse dado singular pode ser explicado, de acordo com Garnelo (2009), como ocorre em outros grupos populacionais, essa transição alimentar redunda em sobrepeso e obesidade em adolescentes e adultos, associando-se a doenças cardiocirculatórias, hipertensão e diabetes.

Como já existir ocorrências de algumas doenças na aldeia relacionada à alimentação, onde que nesta pesquisa apresentamos os casos encontrados principalmente em mulheres 07 casos de hipertensão sendo 05 mulheres, 04 casos de diabetes sendo todas mulheres, 03 casos de gastrite uma mulher, 02 casos de câncer uma mulher e vários de obesidade mais em mulheres do que em homens.

No que tange, a influência da escola nos hábitos alimentares, ela também ajuda "manter" uma dependência a respeito da mudança nos hábitos alimentares desses alunos, pois a merenda escolar é toda industrializada. Além disso, na aldeia existe um morador que possui um comércio em que compra vários produtos no Oiapoque para se revendido na comunidade, facilitando aos moradores ainda mais o consumo desses alimentos com alta caloria.

Foto 4 : O comércio da aldeia.

Fonte: SANTOS, R.N. 2013

Durante a pesquisa eu, como educador desse local, orientei e informei as crianças, alunos e os moradores fazendo palestras na escola e na comunidade sobre as consequências com o consumo desses alimentos em abundância, as doenças que podem surgir com uso incorreto dos mesmos, que já acontecem, os

APÊNDICE

Questionário sobre mudanças e consequências nos hábitos alimentares dos moradores da aldeia Kunanã aplicado aos mesmos no ano de 2013.

- Nome:_____
- Sexo: (Masculino ou Feminino):_____
- Idade:_____
- Escolaridade: _____
- É aluno, trabalha em casa, professor, liderança da aldeia? _____

PERGUNTAS

1- O que você compreende como boa alimentação?

2- Quais os tipos de alimentos eram consumidos antigamente na aldeia?

3- Quais os tipos de alimentos são consumidos hoje na aldeia?

4- Quais são os alimentos que você consome que são saudáveis?

5- Você acha que hoje nas aldeias é mais utilizado produtos da cidade ou naturais da aldeia para alimentação?

6- Você acha que hoje a alimentação na aldeia é mais saudável que antigamente? Por quê?

7- Você já recebeu algum tipo de orientação a respeito de como se alimentar corretamente?

8- O que você acha, sobre a alimentação influenciar na sua saúde?